

A sintaxe na classificação dos dialetos portugueses

Sílvia Afonso Pereira
CLUL
silvia.a.pereira@gmail.com

Abstract:

In this paper I present and discuss some non-standard syntactic structures found in the Portuguese dialectal *corpus* CORDIAL-SIN. In line with what previous studies have shown, I prove that there are some dialectal constructions which are confined to specific geographical areas within the Portuguese territory. Such areal distribution allows us to identify syntactic areas in Portugal. When comparing those syntactic areas to traditional dialect-geographic divisions defined on the basis of phonetic and lexical data, it becomes clear that there are close relations between these syntactic areas and the ones Cintra (1961) identified on the basis of lexical contrasts.

Keywords/Palavras-chave: syntactic variation, Portuguese dialects, dialect syntax, non-standard constructions/variação sintática, dialetos portugueses, sintaxe dialetal, construções não-padrão.

1. Introdução

A sintaxe tem estado, tradicionalmente, ausente dos projetos de Geografia Linguística. Apesar disso, temos vindo a assistir, nos últimos anos, a um aumento do interesse pelo estudo da variação sintática.

Esse interesse deve-se ao facto de a investigação desenvolvida nas últimas décadas no domínio da teoria sintática ter definido como objetivo central a busca por princípios universais e capazes de, simultaneamente, definir os limites e contornos da variação.

Como consequência, a sintaxe dialetal tem vindo a assumir-se como uma área de estudo relevante (tanto para a dialetologia como para a sintaxe), e vários projetos dedicados ao estudo da variação sintática começaram a surgir, de âmbito nacional (*Syntactic Atlas of Northern Italy*, *Syntactic Atlas of the Dutch Dialects*) ou internacional (*Scandinavian Dialect Syntax*, *Edisyn – European Dialect Syntax*) – cf. Barbiers e Bennis (2007), representando consideráveis avanços no conhecimento dos dialetos e da variação em sintaxe.¹

Em Portugal, a criação do *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN) é prova desse esforço, e a sua exploração tem-se revelado importante para os avanços da investigação neste domínio. Por um lado, os dados do *corpus* têm permitido identificar aspetos morfossintáticos de variedades não-padrão do português que até então eram desconhecidos. Por outro lado, tem sido possível

¹ Cf. <http://www.dialectsyntax.org>.

verificar que vários desses fenómenos dialetais se circunscrevem a áreas geográficas muito específicas, sendo possível identificar áreas sintáticas no território português.²

Num primeiro momento deste estudo, apresento um conjunto de construções não-padrão já estudadas e que permitiram começar a delinear áreas sintáticas no território português.

Posteriormente, debruço-me sobre novos dados identificados no CORDIAL-SIN, com o objetivo de descrever as novas estruturas encontradas e caracterizar a sua distribuição geográfica. São os seguintes os fenómenos não-padrão que analiso:

- a) ausência de concordância verbal em número em construções com *ser*;
- b) concordância V3PL com quantificadores universais e nomes coletivos;
- c) gerúndios predicativos e gerúndios subordinadas;
- d) *estar* existencial;
- e) comparativas com *ca* e *coma* e locativas com *onda*;
- f) clivadas nulas, coordenadas, com *é que* inicial;
- g) comparativas exclamativas com *tanto* seguido de adjetivos e advérbios.

Considerando este conjunto de dados e a as conclusões de trabalhos anteriores, mostro que é possível delimitar áreas sintáticas em Portugal.

Na parte final do trabalho confronto as áreas sintáticas que aqui identifico com as áreas fonológicas e lexicais tradicionalmente consideradas na caracterização dos dialetos portugueses. Torna-se claro, com essa comparação, que há fortes relações entre as áreas definidas a partir de dados sintáticos e a divisão dialetal que tem sido proposta pela dialetologia clássica. As conexões são particularmente evidentes quando observamos a divisão lexical de Cintra (1962).

2. O corpus: CORDIAL-SIN

As dificuldades metodológicas (e conceptuais) associadas ao estudo da sintaxe dialetal são bastante reconhecidas³, tendo sido esse, aliás, o principal motivo da ausência de referências à sintaxe nos trabalhos sobre variação geolinguística. Problemas conceptuais relacionados com a dificuldade de definir o que é variável em sintaxe, e dificuldades empírico-metodológicas decorrentes da dificuldade de identificar essas variáveis, têm gerado discussões que sublinham a necessidade de novos métodos para a obtenção de dados.⁴

Nesse sentido, importa destacar a pertinência da base empírica dos estudos apresentados neste trabalho – o conjunto de dados reunidos no CORDIAL-SIN. Trata-se de um *corpus* dialetal anotado, com 600000 palavras, composto por transcrições de excertos de fala espontânea ou semi-dirigida.

Os textos orais que compõem o CORDIAL são provenientes de 42 localidades ou microrregiões no território português continental e insular, pelo que se trata de um *corpus* geograficamente representativo. É também sociolinguisticamente homogéneo, dado que o perfil dos informantes é idêntico: os falantes são, por norma, naturais das localidades rurais inquiridas, aí residentes, idosos e pouco escolarizados (ou analfabetos).

3. Áreas sintáticas em Portugal

A criação do CORDIAL-SIN possibilitou, como já mencionei, uma série de trabalhos pioneiros no domínio da sintaxe dialetal portuguesa. Trata-se de trabalhos que identificaram, por um lado, várias construções não-padrão do português europeu (PE) e as associaram, por outro lado, a áreas dialetais bastante específicas. É o resumo destes primeiros trabalhos – que começaram a tornar clara a existência

² Cf., entre outros, Pereira (2003), Carrilho e Pereira (2011), Lobo (2008), Pereira (em preparação).

³ Veja-se, por exemplo, Barbiers (2008) e Cornips e Poletto (2005).

⁴ É frequentemente apontado o facto de o método clássico de obtenção de dados usado nos inquéritos dialetais ser desadequado ao estudo da sintaxe, por ser difícil, através de entrevistas baseadas em questionários, identificar e reunir construções sintáticas específicas.

de variação sintática em PE, bem como a pertinência de se considerar a sintaxe nos estudos dialetais –, que apresento nas próximas linhas.⁵

3.1. Primeiros trabalhos

Alguns exemplos de estruturas não-padrão que apresentam distribuições geográficas particularmente bem delimitadas são construção *a gente* + V3PL (cf. Pereira, 2003), *ter* existencial (cf. Carrilho e Pereira, 2011), *estar* aspetual + gerúndio (cf. Carrilho e Pereira, 2011), possessivo pré-nominal sem artigo (cf. Carrilho e Pereira, 2011) e gerúndio flexionado (cf. Lobo, 2008).⁶

Pereira (2003) mostra que é possível identificar, nos dados do CORDIAL, estruturas em que o sujeito *a gente* coocorre com formas verbais na terceira pessoa do plural, como exemplificado em (1):

(1) *A gente sempre tiveram ovelhas mas era sem amarrá-las!*

Construções como esta foram identificadas em áreas muito específicas do território português: estão associadas, conforme ilustra o mapa abaixo, sobretudo aos dialetos açorianos.⁷



Mapa 1: Distribuição de *a gente*+V3PL

Ocorrências do verbo *ter* em construções impessoais, em que *ter* assume uma interpretação existencial, são bastante conhecidas no português do Brasil (PB). Trata-se, no entanto, de um fenómeno que ainda não estava documentado no PE. Carrilho e Pereira (2011) identificam estruturas deste tipo nos dados do CORDIAL. Em (2) vemos um exemplo da construção em causa e no mapa abaixo apresento a sua distribuição geográfica, confinada, como se vê, aos dialetos insulares.

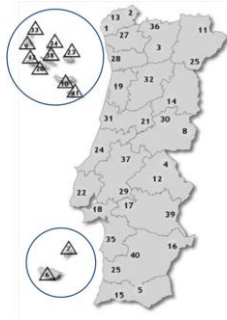
(2) INQ Há algum curioso cá na terra?

INF Agora não, agora não *tem*...

⁵ Os mapas apresentados nesta secção são adaptados dos trabalhos dos respetivos autores.

⁶ Ver também Magro (2007), Martins (2003,2009), Carrilho (2003, 2005, 2008).

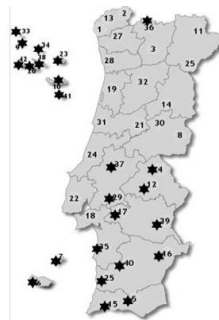
⁷ Há exemplos pontuais destas construções em localidades do continente. No entanto, é nos dialetos açorianos que a estrutura tem mais expressividade, o que faz com que essa região se isole e seja possível identificar uma área dialetal. Note-se que há também registo deste fenómeno em dialetos rurais brasileiros (cf. Sória, 2014).



Mapa 2: Distribuição de *ter* existencial

No mesmo trabalho, as autoras esclarecem que construções com *estar* aspetual seguido de gerúndio (cf. (3)), também frequentes no PB, foram identificadas em pontos do CORDIAL localizados no sul e nas ilhas. As localidades onde foram identificadas as estruturas estão assinaladas no mapa 3.

(3) *Estou tocando no cortiço.*



Mapa 3: Distribuição de *estar* aspetual+gerúndio

Carrilho e Pereira (2011) notam também a ocorrência, nalguns pontos específicos do território, de sintagmas com possessivos pré-nominais não precedidos de artigo. Os contextos que as autoras associaram a essas ocorrências foram aqueles em que ocorrem nomes de parentesco, como se ilustra no exemplo abaixo. Sobre a distribuição espacial destas estruturas, a conclusão a que as autoras chegam, considerando os valores relativos das ocorrências, é que se trata de um fenómeno que ocorre sobretudo nas ilhas.

(4) Olha, fala com *teu avô*.



Mapa 4: Distribuição de possessivo pré-nominal não precedido de artigo

Outra estrutura não-padrão identificada nos dados do CORDIAL, e que revela uma área sintática particularmente bem definida, é a construção de gerúndio flexionado:

(5) *E tendem* uma árvore, não há pássaro nenhum que poise no chão.

Construções deste tipo foram identificadas por Lobo (2008) em localidades do sul do território continental e, pontualmente, nos Açores:



Mapa 5: Distribuição de gerúndio flexionado

3.2. Novos dados do CORDIAL-SIN

Na linha do que as investigações anteriores começaram a revelar, a observação dos dados dialetais disponíveis no CORDIAL permitiu-me identificar outras estruturas não-padrão cuja distribuição geográfica se confina a determinadas regiões. São esses fenómenos, e a sua distribuição geográfica, que passo a apresentar.⁸

⁸ Os mapas apresentados, ainda que evidenciem distribuições geográficas muito específicas e quase sempre sugiram a existência de áreas bem delimitadas, nem sempre têm por base dados que possam ser considerados estatisticamente representativos. Em várias situações, apenas foi possível reunir pequenos conjuntos de dados, pouco significativos em termos numéricos. Assim, muito embora as distribuições geográficas das estruturas não-padrão aqui consideradas se afigurem como geolinguisticamente sugestivas (definem muitas vezes áreas coesas, que contrastam com as áreas em branco a marcar a ausência de ocorrências nesses pontos), não foi

a) Ausência de concordância verbal em número em construções com *ser*

É sabido que, em português, a expressão morfológica da concordância sujeito-verbo pode estar sujeita a variação (cf., entre outros, Peres e Mória, 1995; Cardoso, Carrilho e Pereira, 2011).

Os exemplos clássicos, já largamente descritos na literatura, dizem respeito a estruturas que envolvem concordância lógica ou concordância parcial, tipicamente associadas a construções com sujeitos complexos ou coordenados. Trata-se de fenómenos de alternância 3PL/3SG muito vivos mesmo dentro do português padrão e que não mostram indícios de relacionar-se com cisões dialetais.

Outro caso paradigmático de ausência de concordância em número é o de situações em que o constituinte sujeito se encontra em posição pós-verbal. São também vários os exemplos que evidenciam este fenómeno, e, neste caso, há registo de dados do português padrão, provenientes de discurso jornalístico (cf. Peres e Mória, 1995), e exemplos de dados dialetais, atestados no CORDIAL-SIN e em várias monografias (cf. Carrilho, 2003).

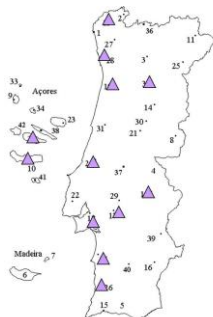
A observação dos dados do CORDIAL permitiu identificar outro contexto em que a ausência de concordância verbal em número se revela recorrente: estruturas que integram o verbo *ser*.⁹

Porque se trata de um verbo copulativo, grande parte dos dados reunidos foi, previsivelmente, de estruturas copulativas como as apresentadas abaixo, próximas das tipicamente descritas na literatura, em que o verbo copulativo une expressões de carácter nominal ou adjetival.

(6) Os canelos dos animais *é* aquelas ferraduras que trazem nos...

(7) Esses coisos *é* modernos.

Trata-se de estruturas em que o sujeito, normalmente em posição pré-verbal, se encontra no plural e o verbo no singular, o que contrasta com as estruturas equivalentes no padrão (neste caso, o verbo concorda com o constituinte com função de sujeito). No mapa abaixo assinalo os pontos em que estas estruturas foram localizadas.



Mapa 6: Distribuição de ausência de concordância verbal em copulativas

Ainda que não haja uma mancha de distribuição bem delimitada, parece notar-se que as estruturas em questão ocorrem sobretudo em pontos do litoral e nalguns pontos dos Açores. Mas vejamos outros exemplos.

Passivas como as apresentadas abaixo foram outra estrutura com o verbo *ser* em que se observou ausência de concordância:

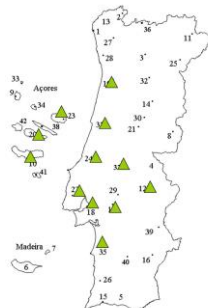
possível apurar convenientemente a sistematicidade das construções nas áreas em que foram identificadas. Por isso, os dados apresentados fornecem pistas valiosas no domínio da sintaxe dialetal mas devem ser tidos, essencialmente, como um útil ponto de partida para estudos mais aprofundados. Enquanto estes dados não forem confrontados e enriquecidos com dados de outra natureza, a sua representatividade e o seu peso geolinguístico serão sempre questionáveis.

⁹ Cardoso, Carrilho e Pereira (2011) lembram que, segundo Naro e Sherre (2007: 56-57), em certas construções com *ser* e *faltar* são fatores morfológicos que motivam a concordância V3SG. É o que acontece, segundo os mesmos, nas frases “É duas partes para o dono” e “pescadas e linguado nunca lá faltou a eles”.

(8) As canastras *é* feitas de madeira .

(9) E depois *é* pendurados lá.

Eis a distribuição geográfica:



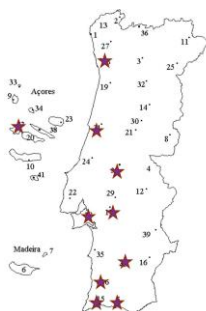
Mapa 7: Distribuição de ausência de concordância verbal em passivas de *ser*

Trata-se de uma distribuição bastante coesa, que isola uma área abrangida pelos dialetos do centro/litoral do continente e onde se incluem também, à semelhança do que vimos para as frases copulativas, pontos nos Açores. As duas distribuições são, pode-se dizer, relativamente próximas, se considerarmos que continua a haver, na distribuição das passivas, uma incidência de pontos no litoral que coincidem com a área apresentada anteriormente e novamente ocorrências nos Açores, continuando a Madeira sem oferecer exemplos.

A distribuição geográfica das últimas situações consideradas para este fenómeno – manifestações de ausência de concordância de *ser* em frases relativas (cf. (10) e (11))¹⁰ – constitui mais um argumento nesse sentido. Estes dados sugerem, portanto, que este fenómeno estará associado a pontos do litoral e a alguns dialetos açorianos.

(10) Botava-se farinha e botava-se mais umas gorduras, fazia-se essas farinheiras, que *é* aquelas amarelas.

(11) (...) há outros arreios simples, que *é* aqueles rasos.



Mapa 8: Distribuição de ausência de concordância verbal em relativas com *ser*

¹⁰ Estas estruturas são, na verdade, construções copulativas, mas com a particularidade de o primeiro elemento da predicação ser o antecedente de uma oração relativa.

b) Concordância V3PL com quantificadores universais e nomes coletivos

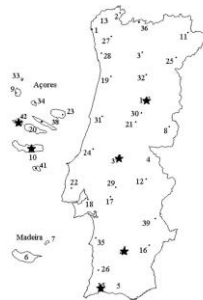
Identifiquei um pequeno conjunto de dados em que os quantificadores universais *ninguém* e *tudo*¹¹ e nomes coletivos surgem associados a concordância verbal no plural:

(12) (...) depois do sol posto, *ninguém acenderam* as luzes.

(13) Ele ou morria o pai ou morria a mãe ou quando *morriam a família*, praticamente os filhos é que iam continuando a trabalhar.

Trata-se de frases que no português padrão desencadeiam, geralmente, concordância verbal no singular.¹² No entanto, como mostram os dados acima, nalguns dialetos do português não-padrão o verbo ocorre no plural, exibindo concordância semântica.

O que é pertinente notar relativamente a estes dados é que, apesar de o número de exemplos reunidos não ser particularmente significativo (contabilizaram-se apenas 7 exemplos), a sua distribuição geográfica permite fazer algumas leituras. Atentemos então nas localidades que manifestaram este fenómeno:



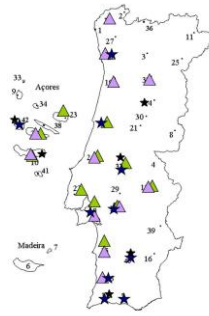
Mapa 9: Distribuição de concordância V3PL com quantificadores universais e nomes coletivos

Se observada isoladamente, é uma distribuição geográfica que não é particularmente esclarecedora. Se, por outro lado, a sobrepujarmos à que obtivemos atrás para os fenómenos de ausência de concordância em estruturas com *ser*, vemos que se trata de distribuições coincidentes e que originam uma área definida quando tomadas em conjunto:¹³

¹¹ Ainda que o CORDIAL só tenha revelado ocorrências com dois quantificadores universais (*tudo* e *ninguém*), acredito que a análise de outros dados possa confirmar que um dos conjuntos relevantes na descrição deste fenómeno é o da quantificação universal. É, pelo menos, esperável que assim seja, da mesma forma que é previsível identificar-se ocorrências com outros quantificadores que exprimam pluralidade, uma vez que todos os exemplos reunidos têm em comum o facto de denotarem referentes plurais.

¹² Nos casos em que o sujeito é um nome coletivo, apesar de a norma padrão prescrever a concordância no singular, há registo na literatura de que “os nomes coletivos no singular, quando funcionam como sujeito, determinam frequentemente concordância verbal no plural” (cf. Paiva Raposo, 2013: 975ff).

¹³ Este facto sugere que fenómenos de concordância não-padrão estão mais associados às regiões do litoral do continente e a alguns dialetos dos Açores.



Mapa 10: Distribuição de fenómenos de concordância (concordância V3SG com ser e concordância V3PL com quantificadores universais e nomes coletivos)

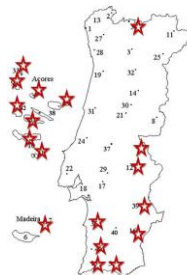
c) Gerúndios predicativos e gerundivas subordinadas (temporais/condicionais)

Trabalhos anteriores sobre variação sintática em PE sugeriram já que construções não-padrão envolvendo gerúndios são características de regiões específicas do país. Uma das construções com gerúndio que mais claramente isola uma área dialetal precisa é, como já vimos, a construção de gerúndio flexionado, que Lobo (2008) associa ao sul do território português e a algumas ilhas dos Açores (cf. mapa 5 acima). Vimos também que a construção perifrástica de *estar* aspetual seguido de gerúndio, estudada por Carrilho e Pereira (2011), ocorre em pontos particulares do território português como alternativa à construção *estar+a+infinitivo*, produtiva no padrão (cf. mapa 3). Os dados do CORDIAL permitiram identificar outros fenómenos envolvendo gerúndios associados a distribuições geográficas muito específicas.

Foram identificados, por exemplo, gerúndios predicativos do tipo de (14) e (15), que, tal como acontecia com *estar+gerúndio*, alternam, no padrão, com a construção *a+infinitivo* (cf. (16) e (17)):

- (14) E depois abalavam por essas aldeias *cantando* e *dançando* e davam-lhe dinheiro.
- (15) Metia-se a água *fervendo* na murta.
- (16) E depois abalavam por essas aldeias *a cantar* e *a dançar* e davam-lhe dinheiro.
- (17) Metia-se a água *a ferver* na murta.

Veja-se como as ocorrências de gerúndios predicativos se concentram, uma vez mais, no sul e nas ilhas, mostrando ainda, similarmente ao que se verifica no mapa de *estar* aspetual seguido de gerúndio um ponto junto à fronteira com a Galiza:



Mapa 11: Distribuição de gerúndios predicativos

Em Pereira (em preparação) mostro também a existência de gerundivas adverbiais associadas a áreas muito específicas. Alguns dos exemplos mais claros reunidos até ao momento são as gerundivas de valor temporal/condicional introduzidas por *quando* e *em bem* (cf. (18) e (19)), encontradas, ambas, apenas no sul do país, em pontos que podem ser considerados uma subárea da área identificada para os gerúndios flexionados e da identificada para *estar*+gerúndio.

- (18) *Quando passando aqui o segundo, já não sai.*



Mapa 12: Distribuição de *quando*+gerúndio

- (19) Depois, é claro, *em bem* o lume *ganhando* lá para dentro, começando a aparecer, ao fim dum dia ou coisa assim, começando a aparecer fumo nos buracos, é porque aquilo andava a arder.



Mapa 13: Distribuição de *em bem*+gerúndio

d) *Estar* existencial

No português europeu padrão, é o verbo *haver* que, tipicamente, é usado em construções existenciais. Trabalhos anteriores mostraram, no entanto, que em variedades dialetais do português (e à semelhança do que acontece noutras variedades da língua portuguesa, como é o caso do PB) o verbo *ter* pode ser utilizado em construções impessoais para expressar esse mesmo valor. É o caso de construções como (20), estudadas por Carrilho e Pereira (2011), que já vimos terem sido identificadas em dialetos da Madeira e dos Açores.

- (20) Mas *tinha* muitos moinhos por aqui fora.

Os dados do CORDIAL revelam que em alguns dialetos do PE há ainda a possibilidade de se recorrer a outro verbo para codificar estes valores existenciais: trata-se de construções com o verbo *estar*. Vejamos exemplos:¹⁴

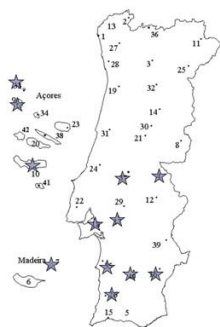
¹⁴ O facto de nestes casos se responder com *estar* a perguntas em que ocorre *haver* torna o valor existencial destes exemplos particularmente claro.

- (21) - Não há nada aqui que chamem segurelha? Não? Uma erva?
- *Está* alguma erva que se chama segurelha, Amélio? Sabes?
- (22) - Há muito gado no baldio?
- *Está*.

Na maior parte dos casos identificados, o verbo ocorre no singular e associa-se a um constituinte nominal em posição pós-verbal também no singular, como em (21). Exemplos com o nome no plural mostraram-se menos frequentes, mas possíveis¹⁵ Mais esporadicamente observaram-se, também, ocorrências do verbo isolado, como em (22).

É relevante notar, em termos descritivos, que diferentemente do que se passa com os exemplos de *ter* existencial, que invariavelmente exibem (na linha do que genericamente se defende para as construções existenciais) a forma verbal no singular, no caso de *estar* esse não é o único contexto disponível para veicular a leitura existencial.¹⁶ Foram, no entanto, os contextos com verbo no singular que considerei neste trabalho, por serem essas as construções mais produtivas e em que o valor existencial é mais evidente, e pela impossibilidade de analisar todos os exemplos do *corpus* potencialmente relevantes.¹⁷

Vejamos então a distribuição espacial associada a estas construções, que evidencia, uma vez mais, uma área bem definida:



Mapa 14: Distribuição de *estar* existencial

e) Comparativas com *ca* e *coma* e locativas com *onda*

No português europeu padrão, estruturas comparativas como as apresentadas em (23)-(25) ocorrem com os conectores *como* ou (*do*) *que* e atribuem, invariavelmente, caso nominativo ao segundo elemento da comparação:

- (23) Sou mais alta *do que* tu.
- (24) Comeste menos *do que* o João.
- (25) Eu já viajei tanto *como* ela.

Os dados do CORDIAL mostram, contudo, que em alguns dialetos o mesmo tipo de construções apresenta características diferentes. O constituinte à direita do conector comparativo ocorre numa forma

¹⁵ Eis um exemplo do *corpus*: “(...) às vezes ainda *está* certas casas que mandam trabalho para trás.”

¹⁶ Dados do *corpus* revelam que é possível o verbo ocorrer no plural mas continuar a veicular uma leitura existencial: “- Olhe, e quem é que faz esses trabalhos de fazer os cestos? - Isso qualquer... *Estão* muitos que fazem; “Aqui havia um médico e dava para tudo e sobrava muito tempo.(...) Hoje *estão* três!”.

¹⁷ Também relevante a nível teórico é o facto de as construções mais facilmente interpretáveis como existenciais serem as ocorrências sem constituintes locativos. Foram esses os contextos que considerei neste estudo.

que é, aparentemente, oblíqua (como é o caso de *mim*, dos exemplos (26) e (27)). No que diz respeito aos conetores comparativos, os dados orais permitem identificar uma situação também diferente, decorrente do que, à primeira vista, parece ser a inserção da preposição *a* imediatamente depois do conector:

- (26) A minha irmã era mais velha *que a mim*.
- (27) (...) não havia cá quem governasse milho *como a mim*.

Note-se, contudo, que se trata de construções estruturalmente muito próximas das comparativas do galego (cf. (28) e (29), de Álvarez e Xove 2002), existindo um paralelismo que pode ajudar a caracterizar estas estruturas do português dialetal

- (28) Ninguén chega ó traballo antes *ca min*.
- (29) Non hai outro máis solícito *ca ti*.

Confrontando as estruturas galegas com as portuguesas, há um aspeto importante a notar relativamente aos dados do CORDIAL, que se prende com o conector comparativo.

Na verdade, se tivermos em conta a produção fonética associada a estas estruturas do português¹⁸ – e se considerarmos que a diferenciação entre *que* e *a*, sugerida pela transcrição ortográfica, pode não refletir exatamente aquilo que é produzido oralmente – somos levados a considerar a hipótese de estarmos, tal como no galego, perante os conetores *ca* e *coma*, em vez de *que a* e *como a*. Nesse caso, teríamos em português uma estrutura como (30), bastante próxima, como se vê, da construção galega apresentada em (31):¹⁹

- (30) A minha irmã era mais velha *ca mim*.
- (31) Ninguén chega ó traballo antes *ca min*.

Construções deste tipo foram identificadas nas localidades assinaladas no mapa abaixo.



Mapa 15: Distribuição de comparativas com *ca* e *coma*

¹⁸ *Que a* produz-se [kɐ] e *como a* [kumɐ].

¹⁹ Em Pereira (2013, em preparação), mostro que há outros aspetos a evidenciar o paralelismo entre as estruturas das duas línguas: as restrições de ocorrência, por um lado, e, por outro lado, os paralelismos com os étimos latinos *quam* e *quia*.

Uma situação semelhante parece ocorrer com estruturas locativas do tipo de (32) e (33), também identificadas no CORDIAL e inexistentes no português padrão²⁰, mas muito próximas da estrutura galega de (34) :

- (32) Somos amigas dele e ele mandou-nos *onde a ti*.
- (33) Aquelas só anda *onde ao gado*.
- (34) “onda ti, lonxe do mundo/tan feliz me acobechara” [Cantares Gallegos, Rosalía de Castro]

Tal como foi proposto para os conectores comparativos, também aqui sugiro que pode tratar-se da forma *onda*, similar à galega, e não *onde* seguido da preposição *a*. De qualquer forma, para os propósitos deste trabalho importa sobretudo notar a distribuição geográfica: novamente circunscrita, confinada neste caso a localidades do noroeste do continente (e evidenciando uma área que poderá, inclusivamente, ser uma subárea da que foi identificada para as estruturas comparativas atrás descritas).



Mapa 16: Distribuição de locativas com *onda*

f) Clivadas nulas, coordenadas, com *é que* inicial

Estruturas clivadas com *é que* produtivas em variedades não-padrão do português foram já estudadas por Verkauteren (2010). Entre os dados do CORDIAL foi possível identificar um tipo particular de clivada, encontrada numa área relativamente extensa do norte de Portugal. Trata-se de construções como a apresentada em (35):²¹

- (35) Depois está uns dias *e é que é picadinha, e é que se enchem as linguças*.

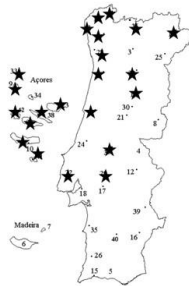
A construção acima representa um tipo particular de clivada iniciada por uma coordenação, a que se segue um constituinte clivado nulo seguido de *é que*, numa estrutura como a seguinte:

- (36) [e + constituinte clivado nulo + *é que*]

²⁰ Estas construções não alternam com nenhuma construção específica do português padrão. Uma estrutura alternativa seria, por exemplo, uma construção com *até*, do tipo “Somos amigas dele e ele mandou-nos *até ti*”.

²¹ Verkauteren (2010), que também analisa os dados do CORDIAL, faz referência a estas estruturas mas não as analisa isoladamente, pelo que não se caracteriza nesse trabalho a distribuição geográfica deste conjunto específico de dados. No entanto, a autora caracteriza a distribuição de todas as estruturas clivadas nulas com *é que* inicial identificadas no CORDIAL, e a área que identifica para essas estruturas é bastante próxima (ainda que menos uniforme) da que aqui apresento no mapa 17.

Mais uma vez, estamos perante um fenómeno ao qual foi associada uma distribuição geográfica circunscrita, a isolar a faixa noroeste/oeste litoral do continente e ilhas dos Açores.²²



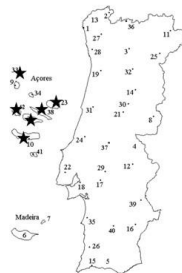
Mapa 17: Distribuição de clivadas nulas coordenadas com *é que*

g) Comparativas exclamativas com *tanto*+adjetivos e advérbios

Entre os dados do CORDIAL identificaram-se ainda construções como (37) e (38), em que *tanto* coocorre com adjetivos e advérbios. É um fenómeno que isola os dialetos açorianos dos restantes dialetos portugueses.

(37) Na hora da comida não *é tanto* saborosa.

(38) Com o arado da América não *é tanto* fácil.



Mapa 18: Distribuição de *tanto*+adjetivos/advérbios

3.3. Síntese das áreas sintáticas e relações com áreas fonológicas e lexicais

A distribuição geográfica das estruturas dialetais elencadas neste trabalho permite fazer algumas generalizações no que toca à delimitação de áreas sintáticas em Portugal, sendo possível avançar uma

²² Considerando os estudos diacrónicos existentes sobre construções clivadas em português, é possível arriscar uma justificação para esta distribuição geográfica. Partindo da ideia, defendida em vários trabalhos, (cf. Longhin, 1999; Kato e Ribeiro, 2004) de que vários tipos de clivadas não existiam em fases mais antigas do português nem existem noutras línguas românicas, torna-se legítimo concluir que se trata, possivelmente, de uma inovação dos dialetos do noroeste/oeste e açorianos.

primeira e embrionária proposta de divisão dialetal com base em fenómenos sintáticos. As cinco configurações diferentes que se consegue identificar são as que a seguir apresento.²³

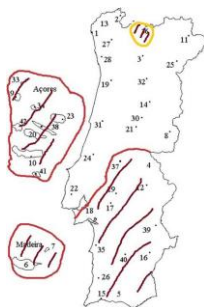
1. Oposição entre um litoral e um interior. Trata-se de uma divisão que recorta o país a meio, numa extensão de norte a sul. Quanto ao comportamento dos dialetos insulares, é possível perceber uma aproximação dos dialetos açorianos aos do litoral do continente. É esta a divisão associada aos fenómenos de ausência de concordância verbal em construções com *ser* e concordância V3PL com quantificadores universais e nomes coletivos.



2. Oposição entre uma faixa noroeste (que abarca grande parte dos dialetos nortenhos e se estende, numa linha mais ou menos diagonal, até ao centro) e uma faixa que engloba a parte sul do país e os dialetos do interior norte. Foi a área onde se identificaram as clivadas nulas, coordenadas, com *é que* inicial, bem como as comparativas com *coma* e as locativas com *onda*. No caso das clivadas, essa faixa noroeste continental e os dialetos açorianos formam uma área. No caso das comparativas e locativas, a divisão é apenas continental.

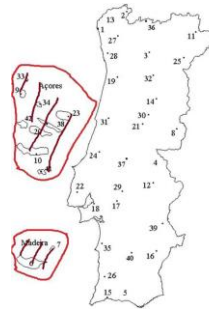


3. Divisão entre um norte e um sul, sendo a fronteira marcada pela linha do Tejo. Os dialetos insulares aproximam-se dos dialetos do sul do continente e, em dois dos fenómenos, uma localidade de Vila Real apresenta comportamentos característicos dos dialetos insulares/do sul do país. É a área associada a construções com gerúndio e a manifestações de *estar* existencial.

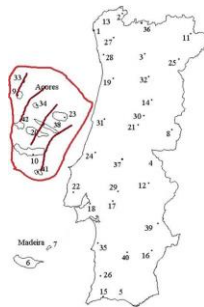


²³ Algumas das generalizações aqui apresentadas, nomeadamente a identificação de uma área que engloba o sul do território continental, área essa a que às vezes se associam os territórios insulares (pelo menos uma parte destes), e a observação de que as ilhas (os dois arquipélagos ou, pelo menos, parte de um deles) se isolam relativamente aos dialetos continentais, são ideias já presentes em Carrilho e Pereira (2011).

4. Os arquipélagos da Madeira e dos Açores formam, em conjunto, uma área, isolando-se do continente. É o que se verifica com a distribuição de possessivo pré-nominal sem artigo e com *ter* impessoal .



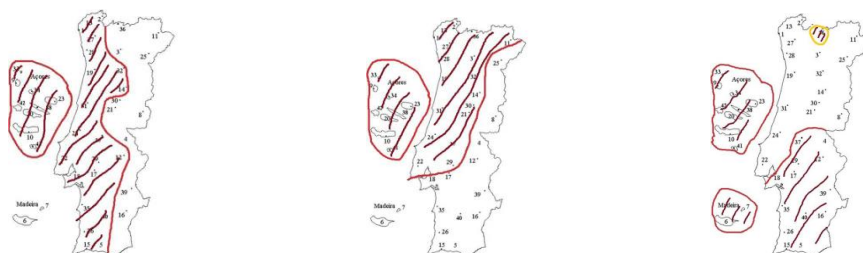
5. Os dialetos dos Açores formam uma área, afastando-se quer dos dialetos madeirenses quer dos continentais. É o caso de *tanto* seguido de adjetivos e advérbios e da concordância de *a gente* com V3PL.



Se considerarmos as divisões propostas para o território continental, ilustradas nos pontos 1, 2 e 3 da exposição feita atrás, e se as confrontarmos com as caracterizações a que no passado se chegou no âmbito de estudos da dialetologia tradicional, reparamos que há conexões muito evidentes. Veja-se como três das áreas sintáticas que delimitei para o continente (cf. 39) são idênticas às três áreas lexicais que Cintra (1962) identificou (cf. 40)²⁴:

²⁴Os mapas em (40), adaptados de Saramago e Álvarez (2010), são uma síntese da proposta de Cintra (1962).

(39)



(40)



Ainda que seja o trabalho de Cintra (1971), de base fonológica, aquele que tradicionalmente se segue na caracterização e divisão do espaço dialetal português, destaco aqui Cintra (1962) por ser sobretudo com as fronteiras lexicais delimitadas nesse trabalho que as áreas sintáticas que identifiqueo apresentam nítidos paralelismos.

Relativamente à área sintática que divide o país entre um norte e um sul e em que a fronteira é traçada ao nível da linha do Tejo, são de notar alguns aspetos. Conforme refiro, trata-se de uma área próxima da identificada por Cintra (1962) para a distribuição de *soro* e *almece*, que também faz uma divisão norte/sul, ainda que o traçado da fronteira não seja coincidente. É, igualmente, uma área cujos limites são muito próximos dos traçados por Cintra (1971), desta vez com base em dados fonéticos, para isolar os dialetos do centro interior e sul:



Mapa 19: Divisão dialetal de Cintra (1971)

A sintaxe vem, assim, sugerir uma divisão norte/sul, ideia que já vinha sendo notada anteriormente: não só nos trabalhos de Cintra que estou a citar, como também em outros trabalhos de natureza fonológica/lexical (cf. Leite de Vasconcellos, 1901; Boléo e Silva, 1962; Cuesta e Luz, 1971).

O facto de Cintra (1961, 1972) não ter incluído as ilhas nas suas propostas de classificação dos dialetos portugueses impossibilita que se estabeleça uma comparação relativamente a esses dados. No entanto, trabalhos mais recentes sobre os dialetos insulares (cf., entre outros, Segura, 2006; Segura, 2013; Segura e Saramago, 1999) sugerem, por um lado, uma autonomia desses dialetos face aos do continente (contrariando a ideia existente na literatura de que os dialetos insulares se aproximam dos do sul do continente). E sugerem, por outro lado, uma diversidade entre esses mesmos dialetos.

Os dados da sintaxe que apresento, ao mostrarem que em certos fenómenos as ilhas se comportam de forma diferente do continente, formando uma área isolada, vêm corroborar essa ideia de que os dialetos insulares se diferenciam relativamente ao continente. Noutros casos, ao evidenciarem

comportamentos diferentes entre Açores e Madeira (e mesmo entre ilhas do mesmo arquipélago), os dados sintáticos constituem argumento para essa outra ideia de que os dialetos insulares se diferenciam entre si.²⁵

4. Conclusão

Ao longo deste trabalho foram elencadas várias estruturas sintáticas não-padrão que foi possível identificar no conjunto de dados disponibilizados pelo CORDIAL-SIN. Trata-se de construções de variedades dialetais do português para as quais facilmente se identificam, na maioria dos casos, estruturas equivalentes com que alternam no padrão.

A apresentação desses dados serviu, por um lado, para sublinhar a existência de variação na sintaxe do português. Por outro lado, ao mostrar que a distribuição geográfica das construções analisadas se confina a zonas específicas, tornou-se evidente a possibilidade de se delimitarem áreas dialetais a partir da sintaxe – ainda que, pelas questões que levantam os dados de um *corpus* desta natureza, seja desejável, no futuro, complementá-los com outro tipo de dados. Foi possível, inclusivamente, estabelecer algumas generalizações e concluir que as áreas sintáticas que mais nitidamente se identificam apresentam fortes paralelismos com as áreas lexicais de Cintra (1961), assim como com as principais áreas delimitadas com base em traços fonéticos pelo mesmo autor.

No que toca à caracterização dos dialetos insulares, sobre os quais os trabalhos de dialetologia tidos como referência não apresentam descrições sólidas, os dados aqui reunidos também permitiram notar alguns aspetos: foram identificados fenómenos relativamente aos quais os dialetos insulares formam uma área, contrastando com o continente; noutras situações, ambos os arquipélagos se aproximam dos dialetos do sul do continente; verificou-se, relativamente a outras estruturas, que os dialetos açorianos se afastam quer da Madeira quer do continente, havendo ainda situações em que se aproximam dos dialetos do norte/litoral do território continental.

Referências

- ALEAç – *Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores*
[<http://www.culturacores.azores.gov.pt/alea/>]
- Álvarez, R. & X. Xove (2002) *Gramática da língua galega*. Vigo: Galaxia.
- Barbiers, S. & H. J. Bennis (2007) The syntactic atlas of the Dutch dialects: A discussion of choices in the SAND-project. *Nordlyd* 34, pp. 53-72.
- Barbiers, S. (2008) Locus and limits of syntactic microvariation. *Lingua* 199, pp. 1607-1623.
- Boléo, Manuel de Paiva & Helena Santos Silva (1962) Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental. *Boletim de Filologia* 22, pp. 85–112.
- Cambrón, A. R. (1998) *Historia sintáctica de las construcciones comparativas de desigualdad*. Cuenca: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- Cardoso, Adriana, Ernestina Carrilho & Sandra Pereira (2011) On verbal agreement variation in european portuguese: syntactic conditions for the 3SG/3PL alternation. *Diacrítica* 25 (1), pp. 137-160.
- Carrilho, E. (2003) Ainda a ‘Unidade e Diversidade da Língua Portuguesa’: a Sintaxe. In Ivo Castro e Inês Duarte, eds. *Razões e Emoção. Miscelânea de Estudos em*

²⁵ Falta ainda explorar mais detalhadamente os dados relativos aos dialetos insulares. Será interessante perceber, por exemplo, se a ideia defendida em Segura (2006, 2013, i.a.) de que há maiores afinidades entre determinados grupos de ilhas se verifica quando consideramos a sintaxe (relativamente aos dialetos açorianos, a autora sugere, por exemplo, que os micalenses se distinguem nitidamente dos restantes). Será igualmente oportuno confrontar os dados do ALEAç disponibilizados online com estes dados sintáticos, de modo a apurar se as afinidades dos dialetos açorianos com os do norte do continente, sugeridas no trabalho que apresento, também são visíveis considerando esses dados lexicais.

- Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Carrilho, E. (2005) *Expletive ele in European Portuguese dialects*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Carrilho, E. (2008) Beyond doubling: overt expletives in European Portuguese dialects. In Sjeff Barbiers, Olaf Koenenman, Marika Lekakou and Margreet van der Ham (eds.) *Syntax and Semantics*. Vol. 36. *Microvariation in Syntactic Doubling*. Bingley: Emerald, pp. 301-323.
- Carrilho, E. & S. Pereira (2011) Sobre a distribuição geográfica de construções sintáticas não-padrão em português europeu. *Actas do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL, 2011, pp. 125-139.
- Cintra, Luís F. Lindley (1962) Áreas lexicais no território português. *Boletim de Filologia*, XX, pp. 273-307.
- Cintra, Luís Filipe Lindley (1971) Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia* 22. Republicado em: *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa. 1983, pp. 117-164.
- CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (A. M. Martins, coord.) [<http://www.clul.ul.pt/en/research-teams/212-cordial-sin-syntax-oriented-corpus-of-portuguese-dialects>]
- Cornips, L. & C. Poletto (2005) On standardizing syntactic elicitation techniques (part 1). *Lingua* 115, pp. 939-957.
- Cuesta, P. V. & Luz, M. A. M. (1971) Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Edições 70. 1980.
- EDISYN – *European Dialect Syntax Project* (S. Barbiers, coord.) [<http://www.dialectsyntax.org/index.php/project-description-edisyn-mainmenu-50>]
- Kato, M. & I. Ribeiro (2004) A evolução das estruturas clivadas no português: período V2. *VI PHPB*. Ilha de Itaparica, Bahia.
- Leite de Vasconcellos, José (1901) *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Lobo, M. (2008) Variação morfo-sintáctica em dialectos do português europeu: o gerúndio flexionado. *Diacrítica* 22 (1), Braga, Universidade do Minho, pp. 25-55.
- Longhin, S. R. (1999) *As construções clivadas: uma abordagem diacrônica*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- Magro, Catarina (2007) *Clíticos: Variações sobre o tema*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Martins, Ana Maria (2003) Construções com *se*: mudança e variação no português europeu. In Ivo Castro e Inês Duarte (eds.). *Razões e emoção. Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 163-178.
- Martins, Ana Maria (2009) Subject doubling in European Portuguese dialects: The role of impersonal *se*. In E. O. Aboh, El van der Linden, J. Quer e P. Sleeman (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2007*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 179-200.
- Naro, A. J. e M. Scherre (2007) *Origens do Portugues Brasileiro*, Sao Paulo, Parabola.

- Paiva Raposo, E. B. (2013) Introdução ao sintagma nominal. In Eduardo Buzaglo Paiva Raposo et al. (eds.) *Gramática do Português*. Vol I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 703-730.
- Pereira, S. (2003) *Gramática comparada de a gente – variação no português europeu*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Pereira, S. A. (2013) Variação sintática em Portugal e a fronteira com a Galiza. Comunicação apresentada em *Simposio ILG 2013: Língua e identidade na fronteira galego-portuguesa*, Santiago de Compostela, 28 novembro – 3 dezembro de 2013.
- Pereira, S. A. (em preparação) *Áreas sintáticas no território português*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Peres, J. A. & T. Moia (1995) *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa, Caminho.
- Pérez, F. (2005) Os indicadores *ca* e *coma* na comparación en galego. *Cadernos de Língua* 34, pp. 65-92.
- Santamarina, A. (1974) Contribución pra un estudio das partículas comparativas *que = ca* e *como = coma* em galego. *Verba. Anuario Gallego de Filología, I*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, pp. 16-30.
- Saramago, J. & Álvarez, X. A. (2010) Um novo olhar sobre áreas lexicais portuguesas. In Maria João Marçalo & Maria Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, Maria do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela e Ana Alexandra Si (eds.): *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. [actas do II Simposio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP)]. Évora: Universidade de Évora, pp. 80-105. ISBN: 978-972-99292-4-3.
- Segura, L. & Saramago, J. (1999) Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais. In Isabel Hub Faria (ed.) *Lindley Cintra: Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Cosmos & Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Segura, L. (2006) Dialectos açorianos. Contributos para a sua classificação. In M. Clara R. Bernardo e Helena M. Montenegro (orgs.) *I Encontro de Estudos Dialectológicos – Actas (2003)*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta, pp. 325-344.
- Segura, L. (2013) Variedades dialetais do português europeu. In Eduardo Buzaglo Paiva Raposo et al. (eds.) *Gramática do Português*. Vol I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 85-142.
- Sória, M. V. P. (2014) *Nós, a gente e o sujeito nulo de primeira pessoa do plural*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Vercauteren, A. (2010) *Como é que é com o é que? Análise de estruturas com é que em variedades não standard do Português Europeu*. Dissertação de mestrado, FCSH.